

O botânico asturiano que amava os Açores

Carlos Francisco Gonçalves Aguiar

CIMO-Centro de Investigação de Montanha, Instituto Politécnico de Bragança (Portugal). cfaguiar@ipb.pt

Conheci o José Antonio no mesmo dia em que conheci muitos outros botânicos-fitosociólogos espanhóis. Faz 28 anos, em Oviedo, nas XII jornadas de fitossociologia da AEFA. Era mais um daqueles dias enublados das Astúrias. Os meus sentimentos fundiam-se com o tempo enquanto esperava quem sabia muito mais do que eu, e o veredicto sobre um pequeno póster sobre os lameiros (*prados de siega*) de Trás-os-Montes. Chegou a minha vez; o prof. Rivas-Martinez aproximou-se, levantou os óculos, cerrou ligeiramente as pálpebras, olhou de perto as tabelas fitossociológicas, e discorreu alongadamente sobre o póster. Cinco, dez minutos depois, não recordo, suspirei de alívio: “não correu mal!” –estava banhado em suor, recebi umas palmadinhas nas costas dos meus conterrâneos lusos, e relaxei. A procissão continuou, e o José Antonio ficou para trás. Aproximou-se de mim, cofiou a barba com as mãos, e naquele misto de seriedade e bom-humor que o caracterizava, comentou o meu modesto trabalho. Disse-me qualquer coisa do género: “O trabalho do Lameiros de Trás-os-Montes do Teles (1970) precisa de ser atualizado. Temos de fazer qualquer coisa em conjunto!”. Haveríamos de discutir em pormenor a sintaxonomia dos lameiros transmontanos; sabíamos perfeitamente que a oposição clássica *Arrhenatherion* – *Cynosurion* imposta por Reinhold Tüxen (o orientador da tese do eng^o Teles) não funcionava nas áreas finícolas portuguesas de vegetação de *Molinio-Arrhenatheretea*; mas nunca se proporcionou. As nossas aventuras científicas seriam outras, ainda mais entusiasmantes. Curiosamente, o último trabalho de campo que realizamos em conjunto, em 2017, em Bragança, na companhia do Dr. Jorge Luis Marquínez, seria com ... lameiros, em busca da localidade clássica do *Aconitum lusitanicum*.

No final da década de 1980 o conhecimento da vegetação de Portugal continental era insipiente. Resumia-se aos resultados das excursões realizadas por Braun-Blanquet na companhia de botânicos portugueses na década de 1960, publicados na *Agronomia Lusitânica*, e pouco mais. “Os lameiros de Trás-os-Montes” de A.N. Teles e a tese do eng^o Pinto da Silva sobre os ultrabásicos transmontanos

fecham este primeiro ciclo. Os estudos fitossociológicos seriam reatados quase duas décadas depois, por dois pioneiros: os professores Mário Lousã e Salvador Rivas-Martínez. Em pouco mais de dez anos o país é esquadrihado de norte a sul por uma nova geração de botânicos, e a vegetação de Portugal Continental integrada num sinsistema comum para a toda a Ibéria.

As duas primeiras estrofes de um pequeno poema do poeta lisboeta Vasco de Lima Couto [1924-1980], dizem:

*Preciso de espaço
Para ser feliz
Preciso de espaço
Para ser raiz*

*Ter a rede pronta
Para o mar de sempre
Ter aves e sonho
Quando a terra escuta
E falar de amor
Aos tambores da luta*

São um resumo feliz do destino que espera, a meio da vida, o académico que não se acomoda, que mantém viva a chama da curiosidade – o comportamento neoténico que distingue o bom do mau cientista. A curiosidade do José Antonio pela botânica sistemática e pela ciência da vegetação era como o caudal do Amazonas na época das chuvas.

Portugal continental ficou pequeno para os fitossociólogos, e a Espanha igual.

O estudo da vegetação dos Arquipélagos da Madeira e das Selvagens foi liderado pelo Miguel Sequeira, pelo Jorge Capelo e colaboradores. Faltavam os Açores.

O professor Rivas queria fechar rapidamente o estudo da vegetação dos arquipélagos holárcticos de língua portuguesa e castelhana. Organizou-se uma primeira excursão no verão de 2002, com um grupo luso-espanhol fitossociólogos: S. Rivas-Martínez, M. Lousã, J.A. Fernández Prieto, J.C. Costa, E. Dias e C. Aguiar. Os resultados foram publicados no volume XV da *Itinera Geobotânica*, em 2002. Confirmou-se,

finalmente, que o loureiro dos Açores é distinto do loureiro da Madeira e Canárias. O nome *Laurus azorica* ficou com o tipo, e para a vicariante mais a sul foi proposto um novo nome: *Laurus novocanariensis* (Rivas-Martínez *et al.* 2002a). Esta e outras novidades taxonómicas reduziram, praticamente, as conexões florísticas entre as laurissilvas madeirense e açoreana às plantas disseminadas por esporos (pteridófitos), um argumento suficiente para propor uma nova classe de vegetação lenhosa endémica: a *Lauro azoricae-Juniperetea brevifoliae* (Rivas-Martínez *et al.* 2002b).

Esta primeira excursão exploratória complementada com a leitura dos trabalhos pioneiros de D. Lupnitz na década de 1970 e do investigador açoreano Eduardo Dias abriram caminho a uma compreensão mais profunda da taxonomia e da dinâmica da vegetação açoreana (Figura 11). Ao contrário dos outros arquipélagos ditos macaronésicos, a vegetação herbácea e os eventos de perturbação, dominados por fluxos de massa e ventos fortes, têm um papel preponderante na paisagem vegetal açoreana. Por outro lado, a sua interpretação é particularmente difícil porque a permeabilidade às invasões vegetais da vegetação açoreana é enorme, e a variação clinal inter-ilhas e inter-habitats da

morfologia de alguns géneros chave de plantas (e.g., *Agrostis*, *Lactuca*, *Pericallis*, *Tolpis* e *Ranunculus*) é difícil de capturar num sistema de nomenclatura binomial.

Não consigo reconstruir em pormenor a ordem dos acontecimentos. Num jantar memorável, se não estou em erro, num restaurante da Ilha de S. Miguel, ofereceram-se três voluntários para fechar o sistema sintaxonómico do arquipélago açoreano. O José Antonio foi o primeiro a autopropor-se, e o mais entusiasta. As nove ilhas com apenas 2,346 km², a cerca de 1500 km da costa europeia, tinham para ele qualquer coisa de pristino, uma ligação misteriosa com a sua terra natal, as Astúrias. Fascinava-o o povo combativo e resiliente, curtido por séculos de tragédia – tremores de terra, erupções vulcânicas, tempestades ou ataques de piratas – que longe de tudo – “ainda mais isolado do que o Havai”, dizia ele – desenvolveu uma cultura própria, densa e diversa. Disse-me muitas vezes: “os açoreanos são os melhores dos portugueses”. Admirava particularmente as Irmandades do Divino Espírito Santo, uma religiosidade popular independente da igreja formal, um símbolo da independência do açoreano, reprimida na Europa continental católica pela Contrarreforma Tridentina.



Figura 11. Equipa de trabalho, Ilha Terceira (2002). Da esquerda para a direita: Carlos Aguiar, três estagiárias do prof. Eduardo Dias, e José Antonio Fernández Prieto. A Cândida Mendes, atualmente investigadora da Universidade dos Açores, segura o escapo da *Angelica lignescens*, uma apiácea endémica dos Açores. Fotografia de Eduardo Dias.

Acho que o José António encontrou no clima temperado, no papel das pastagens nos mosaicos de paisagem, na economia do leite e no caráter indómito das gentes elementos comuns com as montanhas e os montanheseiros das Astúrias. A relação do José António com os Açores foi um amor juvenil à primeira vista.

Visitamos em conjunto três vezes as ilhas açoreanas. O José António voltou outras tantas com a Maria e outros companheiros.

As recordações são muitas.

Houve momentos de epifania, por exemplo quando descobrimos onde se refugiava a flora indígena do andar basal (termotemperado/termomediterrânico). Vasculhando os afloramentos rochosos e os taludes das estradas, perturbados pela presença do *Pittosporum undulatum* ou do *Hedychium gardnerianum*, lá se encontravam, a custo, apontamentos interpretáveis de comunidades herbáceas dominadas por *Agrostis congestiflora*, *Festuca petraea* e *Holcus rigidus*. Compreender a taxonomia das *Festuca* e dos *Agrostis* foi outra luta que culminou com a descrição da *Festuca francoi*, dedicada ao grande botânico português João do Amaral Franco [1921-2009] (Fernández Prieto et al. 2008).

Num artigo publicado na Global Geobotany demos a conhecer o nosso sistema da vegetação herbáceas açoreana, assim como algumas adições e correções de tipos lenhosos de vegetação. Propusemos uma nova classe de vegetação de fisionomia herbácea, a *Tolpido azoricae-Holcetea rigidi* (Fernandez Prieto et al., 2012), com três alianças: *Festucion francoi* (vegetação graminoide meso-supratemperada), *Tolpido succulentae-Agrostion congestiflorae* (vegetação graminoide termomediterrânica a termotemperada) e *Pericallion malvifoliae* (orlas megafórbicas). A *Tuberarietea guttatae* está presente nos Açores através de uma aliança endêmica, de forte caráter pioneiro, a *Ornithopo pinnati-Gaudinon coarctatae*.

Emociono-me quando recordo o espanto da descoberta da Caldeira do Faial, da Caldeira do Corvo, da cascata da Praia de São Lourenço na Ilha de Santa Maria, da vegetação do Farol da Manhêna na Ilha no Pico, das florestas virgens de *Ilex azorica* da caldeira de Santa Bárbara na Ilha Terceira, ou das

comunidades de dragoeiros das arribas de S. Jorge. Depois, há as pequenas memórias, que somadas se transformam em algo muito grande. O dia em que chegamos de barco à Ilha de S. Jorge embalados pela música que brotava de uma janela aberta na sede da banda de música local, sobranceira ao Porto de Mar (os açoreanos são um povo musical, há mais banda de música nos Açores do que em todo o Portugal continental). Ou quando, à noite no bar dos irmãos metralha, nos apercebemos que os jovens da pequena ilha do Corvo, na altura com pouco mais de 200 habitantes, mudavam de roupa várias vezes ao longo do dia, como os figurantes de um filme em tempo real. Ou aquele dia, que começou com uma terrível ascensão ao Cume do Pico – desistimos aos 2.000 m, no exato momento em que finalmente compreendemos como se organizava a vegetação do grande estratovulcão –, e terminou numa esplendida tarde de sol na vila da Madalena, nesse dia em festa. A música, outra vez a música, impregnava o ar; picoenses, faialenses, açoreanos de todas as ilhas e continentes deambulavam pelos jardins de sorriso nos lábios, e as garrafas de vinho branco “Terras de Lava” guardavam ciosamente para quem as quisesse descobrir, todas as doçuras do arquipélago encantado.

Foi um privilégio aprender contigo, José Antonio!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Fernández Prieto, J.A., C. Aguiar, E. Dias y M.I. Gutierrez Villarias, 2008. On the identity of *Festuca jubata* Lowe (Poaceae) and the description of a new *Festuca* species in the Azores Islands. *Botanical Journal of the Linnean Society* 157: 493-499.
- Fernández Prieto, J.A., C. Aguiar y E. Dias, 2012. Description of some new syntaxa from the Azores archipelago. *International Journal of Geobotanical Research* 2: 111-116.
- Rivas-Martínez, S., M. Lousã, J.A. Fernández Prieto, E. Dias, J.C. Costas y C. Aguiar, 2002. *Laurus novocanariensis* Rivas Mart., Lousã, Fern. Prieto, E. Dias, J.C. Costa & C. Aguiar *nov. nom.* In: Rivas-Martínez *et al.* (Eds.) Vascular Plant Communities of Spain and Portugal. *Itinera Geobotanica* 15(2): 703
- Rivas-Martínez, S., M. Lousã, J.A. Fernández Prieto, J.C. Costa, E. Dias y C. Aguiar, 2002. *Lauro azoricae-Juniperetea brevifoliae* Rivas-Martínez, Lousã, F. Prieto, J.C. Costa, Dias & Aguiar *classis nova.* In: Rivas-Martínez *et al.* (Eds.) Vascular Plant Communities of Spain and Portugal. *Itinera Geobotanica* 15(1): 125-132.
- Teles, A., 1970. Os lameiros de montanha do Norte de Portugal. *Agronomia Lusitana* 31: 41-36.